

# O QUE PODE A ESCRITA-CURRÍCULO?

Pedro Xavier Russo Bonetto

## Resumo

O presente trabalho expõe um recorte dos resultados de uma pesquisa de mestrado intitulada “A ‘escrita-currículo’ da perspectiva cultural de Educação Física: entre aproximações, diferenciações, laissez-faire e fórmula” (BONETTO, 2016), cujo objetivo foi investigar como professores que afirmam colocar em ação o currículo cultural de educação física elaboram suas atividades de ensino a partir dos princípios e procedimentos do currículo cultural de Educação Física. Os dispositivos de produção de dados foram um Diário de Bordo Digital, Grupo de Discussão e a coleta de relatos de prática. A forma de análise se pautou na análise pós-estruturalista inspirada no “roubo de conceitos” e na geofilosofia descrita pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari. Assim, observamos que a criação da “escrita-currículo” não se dá apenas como um conjunto exaustivo de técnicas internalizadas que o professor aplica automaticamente. Ela é um elemento traduzido, continuamente e duplamente agenciado. No primeiro momento, os agenciamentos se dão por conta dos diferentes sentidos que os professores atribuem aos enunciados pedagógicos. No segundo momento, a escrita-currículo se singulariza pelos maiores graus de abertura que o currículo cultural propõe para os agenciamentos maquínicos de corpos. Este forte apelo à consideração dos agenciamentos maquínicos (encontros entre professor, regras e normas da escola, apontamentos da direção escolar, cultura patrimonial da comunidade etc.), em especial, a fala, os desejos, curiosidades dos estudantes, produzem o maior ponto de diferenciação desta perspectiva curricular. Por fim, entendemos que o professor não é uma fonte originária, racional, produtor de novas práticas didáticas, mas atua dentro dos agenciamentos, como mais uma dentre outras forças que se engendram na elaboração da “escrita-currículo”.

**Palavras-chave:** Currículo Cultural. Escrita-currículo. Deleuze-Guattari.

## Introdução

O currículo cultural compreende que a Educação Física é responsável pelo estudo de uma parte da cultura relacionada às produções sistematizadas da motricidade humana com finalidades lúdicas, denominadas práticas da cultura corporal, dentre elas: os esportes, brincadeiras, ginásticas, danças e lutas. Nessa perspectiva, as práticas corporais atuam, linguisticamente, pois expressam a cultura do grupo que as produziu e outros grupos que eventualmente delas se apropriaram. Discordando das propostas tradicionais da Educação Física, o referido currículo se atenta ao conhecimento dos grupos historicamente esquecidos. O intuito, mais do que apenas promover o diálogo entre as

diferentes culturas, é dar ouvidos às vozes daqueles sujeitos que frequentemente não têm oportunidade de se fazer representar.

Em relação aos aspectos didático-metodológicos, Neira e Nunes (2006; 2009) propõem certos procedimentos de ensino, dentre eles: mapeamento, ressignificação, aprofundamento, ampliação, registro e avaliação. Os autores também sugerem alguns princípios pedagógicos, tais como: reconhecimento da cultura corporal dos estudantes, justiça curricular, descolonização do currículo, evitamento do daltonismo cultural e ancoragem social dos conhecimentos. Abarcando estes elementos, a ação didática característica do currículo cultural, entendida aqui a partir do conceito de “escrita-curriculo”, se põem, tal como afirmam Neira e Nunes (2009), como a uma alternativa à homogeneização e ao engessamento que as pedagogias monoculturais insistentemente vêm repetindo na Educação Física.

De acordo com Neira e Nunes (2006), a teia de saberes necessários, ou seja, os conteúdos de aprendizagem, vão se constituindo à medida que os problemas vão sendo respondidos. É um processo contínuo, não-linear, mas em curva. Assim, a educação, a elaboração e o desenvolvimento do currículo passam a ser vistos como uma prática artística ainda inimaginável e impossível de ser copiada.

Muitas são as definições e apropriações da escrita curricular: “artistagem” (CORAZZA, 2006, 2011, 2012a); “didáticaArtista” (CORAZZA, 2013a) ou ainda, “currículo-artistado” e “escrita-artista” (CORAZZA, 2006). Tratam-se de conceitos bastante próximos, quando não sinônimos e baseados no mesmo campo teórico. Igualmente, desejam a flexibilização do processo educacional de modo que as velhas sequências didáticas, modelos curriculares, materiais padronizados, sejam substituídos por uma perspectiva inventiva, revolucionária, inspirada na instantaneidade do nosso tempo. Aqui, nada preexiste ou está pronto e acabado, o processo navega pelas ondas dos conhecimentos mapeados, invade os significados atribuídos, elege temas, compartilha-os entre o grupo, desestabiliza-os, problematizam-se questões. Todas efêmeras, contextuais e transitórias.

### **Objetivo, Dispositivos e Formas de Análise**

O texto em questão expõe os resultados de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo foi investigar como professores que afirmam colocar em ação o currículo cultural de educação física elaboram suas atividades de ensino.

Os dispositivos de produção de dados foram um Diário de Bordo Digital, Grupo de Discussão e a coleta de relatos de prática.

Diário de Bordo Digital foi o nome dado a um site criado por nós, cuja função seria a de facilitar os registros das aulas de Educação Física na perspectiva cultural. No momento da criação, pensamos que o que antes era entendido como instrumento de registro particular poderia se transformar em um interessante dispositivo de produção de dados, se pudéssemos disponibilizá-lo para outros professores e professoras. Desse modo, pudemos observar os registros das atividades de ensino de outros professores, o que aumentou a quantidade e a complexidade dos dados produzidos. Foram oito (8) professores que participaram da elaboração dos registros no Diário de Bordo e seis (6) participantes do Grupo de Discussão.

A forma de análise se pautou na análise pós-estruturalista. De forma geral, nessa concepção, antes de separarmos a linguagem em uma estrutura precisamos de diferenças que aparecem na interação linguística entre significado e coisa (signo).

Uma das mais polêmicas características do pós-estruturalismo é sua forte desconfiança, ou melhor, divergência, das ciências positivistas e dos valores morais modernos. Mas não se trata de puro relativismo, isso quer apenas dizer que qualquer forma estabelecida de conhecimento ou bem moral é feita em seus limites e não pode ser definida enquanto realidades universais, mas como construtora dessas realidades, por meio dos discursos, textos e significações.

Esse referencial teórico propõem um pensamento que opera exemplificando o que as coisas podem, quais suas vontades, como elas funcionam contingencialmente, mas nunca dizendo o que elas são pois assim acabamos por limita-la a um certo número de possibilidades.

Deleuze (1976) afirma que o objetivo não é postular uma verdade fixa e definitiva das coisas, ela se opõe ao caráter absoluto dos valores tanto quanto a seu caráter relativo e utilitário. A verdade se torna então uma questão de perspectiva, de “perspectivismo”, assim, as coisas são incessantes processos, como lutas entre diferentes vontades de poder, entre diferentes valores e diferentes modos de vida.

Buscando coerência com o referido campo de análise, perguntamos para os professores parceiros da pesquisa “o que pode” e não “o que é a escrita-curriculo”.

Especificamente, nos inspiramos no “roubo de conceitos” e na geofilosofia descrita pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari. Simplificadamente o roubo de conceitos se refere a operar filosoficamente via um sequestro da sabedoria de outros, a

serviço da imanência pura, ou seja, da criação. Trata-se de roubo criativo, uma vez que os conceitos apropriados sempre se transformam e viram algo novo. E a geofilosofia trata dos binômios terra–território, desterritorialização–territorialização. Deleuze e Guattari (1997) definem que a territorialização é o movimento de construção do território, já a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, é uma operação da linha de fuga.

### **O que pode a “escrita-currículo”?**

Dois platôs das nossas análises se referem ao “estado da arte” da “escrita-currículo”. Um professor parceiro da pesquisa acredita que por conta do aspecto criativo, flexível e contra hegemônico da concepção didática da “escrita-currículo”, é possível elaborar uma experiência curricular sem seguir os procedimentos e sem ser influenciado pelos princípios. Nessa perspectiva de “pode tudo”, a possibilidade de “abrir mão” dos elementos que caracterizam o currículo cultural não nos parece possível, pois na referida perspectiva de Educação Física, abandonar os princípios ético-políticos e os procedimentos de ensino que buscam garantir um ensino crítico e democrático parece a negação da própria função social do ato educativo.

Dentre os elementos que não permitem que a “escrita-currículo” seja qualquer coisa destacamos: as leis educacionais, as regras e normas do regimento escolar, o Projeto Político Pedagógico, a concepção cultural e seus procedimentos didáticos (mapeamento, ressignificação, ampliação, aprofundamento, registro e avaliação).

Notamos também que por vezes os trabalhos com o currículo cultural se desenvolvem seguindo uma suposta língua curricular, acompanhada e regida por todo um corpo de procedimentos quase que “obrigatórios” e em ordem. Por isso, outros professores parceiros acreditam que as escritas curriculares estão seguindo uma dada fórmula.

No entanto, observamos que a criação da “escrita-currículo” não se dá apenas como um conjunto exaustivo de técnicas internalizadas que o professor aplica automaticamente. Entendemos que a “escrita-currículo” tem funcionado, entre o que é visto e dito nos discursos modernos e uma escrita devir.

Aqui, o devir está em dois momentos, na tradução da literatura, ou seja, nos agenciamentos coletivos de enunciação (como todo artefato cultural, um livro, uma peça de teatro, etc) pois o currículo é um elemento traduzido, e por conta das multiplicidades

que o envolvem, dos diferentes sentidos que os professores podem atribuir aos enunciados pedagógicos, a “escrita-currículo” se singulariza.

O segundo momento se refere aos graus de abertura para os agenciamentos maquínicos de corpos e este é o maior diferencial desta perspectiva curricular. Seu forte apelo à consideração dos agenciamentos maquínicos (encontros entre professor, regras e normas da escola, apontamentos da direção escolar, cultura patrimonial da comunidade etc.), em especial, a fala dos estudantes. Portanto, a escrita-currículo pode muito quando ela se abre aos agenciamentos com a cultura dos alunos, seus desejos, atitudes, falas, as disposições espaciais, temporais e os princípios pedagógicos.

Assim, concluímos que a produção da “escrita-currículo” está entre o “pode tudo” e o “nada pode”. E isso não é um problema, pois o “pode pouco” se refere à própria função social da escola moderna, e o currículo dentro de uma estrutura cumprir um certo papel social e não pode se tornar qualquer coisa. De qualquer modo, nesta concepção ele ainda “pode mais do que em outras”, pois não é dado a priori, é flexível e se dá a partir da fala dos estudantes. Por isso, entendemos que a “escrita-currículo” é tudo isso: criação e cópia, entre o fazer-como, fórmula, “receitinha”, amarras e *laissez-faire*. Sua potência se mostra onde todas estas fases coexistem, se atravessam, brigam entre si, acontecem e se produzem, das maneiras mais distintas.

Por fim, nesta perspectiva didática da “escrita-currículo” observamos que o professor não é uma fonte originária, racional, produtor de novas práticas didáticas, mas atua dentro dos agenciamentos, como mais uma dentre outras forças que se engendram na elaboração da “escrita-currículo”.

### **Referências Bibliográficas**

CORAZZA, S.M. **Artistagens**: filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_. Notas. In: HEUSER, E. M. D. (Org.) **Caderno de notas 1**: projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

\_\_\_\_\_. Didaticário de criação: aula cheia, antes da aula. In: **XVI ENDIPE**: Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Campinas, FE/UNICAMP. SP: 23 a 26 de julho de 2012a.

\_\_\_\_\_. Didática-artista da tradução: transcrições. **Mutatis Mutandis**, Cidade, Vol. 6, n. 1, páginas, agosto, 2013a.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. 1976. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

\_\_\_\_\_. **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2006.

\_\_\_\_\_. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.